

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA**

**ULISSES LIBERTO OU PROMETEU ACORRENTADO?  
Virtudes e limites da Explicação da Ação na Obra de Jon Elster**

**José Luiz de Amorim Ratton Júnior**

**Recife  
2003**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**ULISSES LIBERTO OU PROMETEU ACORRENTADO?  
Virtudes e limites da Explicação da Ação na Obra de Jon Elster**

**José Luiz de Amorim Ratton Júnior**

**Tese elaborada por José Luiz de Amorim Ratton Júnior, sob orientação do Professor Doutor Jorge Ventura de Moraes e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do grau de Doutor em Sociologia.**

**Recife  
Novembro de 2003**

## **BANCA EXAMINADORA**

**Professor Doutor Jorge Ventura de Moraes (Presidente/Orientador/UFPE)**

---

**Professor Doutor Flávio da Cunha Resende (Titular Interno/UFPE)**

---

**Professora Doutora Cynthia Lins Hamlin (Titular Interno/UFPE)**

---

**Professor Doutor Marcus André Melo (Titular Externo/UFPE)**

---

**Professor Doutor Luís Augusto S. C. de Gusmão (Titular Externo/UnB)**

---

**Esta tese é dedicada ao Zé e a Ana.  
E, sobretudo, a Bia e a Flor.**

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Professor Jorge Ventura, pela orientação competente, segura e dedicada. Sem esquecer dos dez anos de grande amizade, inúmeras afinidades eletivas e colaboração intelectual.

A Aécio Silva, Carlos Magalhães, Eliana Lacerda, Ivete Zamboni, Jon Elster, Luciano Oliveira, Luciene, Nilo Pinheiro, Ricardo Sipaúba, que, de formas diferentes, me ajudaram a concluir esta tese.

A Tereza, que soube me ouvir.

A Pietro Wagner – novo velho amigo – pela revisão e editoração da tese.

A Bruno e Thiago, mais que irmãos.

A Beatriz – minha alegria e o melhor de mim – pela enorme paciência e compreensão.

A Marcela Zamboni - minha Flor, amada metade, linho da minha linha - que soube sempre estar ao meu lado.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>17</b>
<b>A Odisséia de Jon Elster</b>	
1.1 Introdução	17
1.2 O período de formação	19
1.3 A racionalidade, seus limites, suas alternativas	21
1.4 O marxismo analítico e a teoria dos jogos	30
1.5 Da racionalidade às normas sociais	33
1.6 Emoções e Ação Humana	41
1.7 Critérios de Justiça, Transições Constitucionais e Vício	46
1.8 Uma nova síntese metodológica: a explicação por mecanismos	54
1.9 Ulisses revisitado	57
1.10 Considerações Finais	60
<b>SEGUNDA PARTE</b>	<b>64</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>66</b>
<b>O Individualismo Metodológico de Jon Elster</b>	
2.1 O Individualismo Metodológico e as Ciências Sociais	66
2.2 Elster e o Individualismo Metodológico	74
2.3 Os Conteúdos da Explicação Individualista em Elster: Racionalidade, Normas e Emoções	85
2.4 Elster, O Individualismo Metodológico e a Racionalidade	85
2.5 Elster, O Individualismo Metodológico e as Normas Sociais	91
2.6 Elster, O Individualismo Metodológico e as Emoções	93
2.7 Considerações Finais	96

	<b>98</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
3.1 A explicação intencional causal em Elster: considerações gerais	<b>98</b>
3.2 A intencionalidade na filosofia	<b>100</b>
3.3 O intencionalismo como uma variante do individualismo metodológico: a visão de Bhargava	<b>105</b>
3.4 As propriedades do ator intencional e da agência intencional	<b>110</b>
3.5 Intencionalidade, Comportamento míope e Comportamento não-míope	<b>114</b>
3.6 Intencionalidade: conceitos, linguagem, sujeitos e objetos	<b>118</b>
3.7 Intencionalidade, Racionalidade e Escolha Racional	<b>121</b>
3.8 Elster e a crítica da Explicação Funcional	<b>127</b>
3.9 Considerações Finais	<b>137</b>
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>138</b>
<b>Explicação Causal, Causalidade e Mecanismos em Elster</b>	
4.1 Causalidade: algumas considerações introdutórias	<b>139</b>
4.2 A concepção humeana de causação	<b>141</b>
4.3 A explicação causal em Elster: alguns traços gerais	<b>145</b>
4.4 Elster e a causalidade nas Ciências Sociais	<b>155</b>
4.5 A explicação através de mecanismos em Elster: a reconstrução da noção de causalidade	<b>166</b>
4.6 Causalidade, Intencionalidade e a Teoria da Ação	<b>179</b>
4.7 Considerações Finais	<b>184</b>
<b>TERCEIRA PARTE</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b>	<b>185</b>
<b>Desafios à Explicação na Obra de Jon Elster</b>	
5.1 A Crítica à Redução: Daniel Little e Rajeev Bhargava	<b>185</b>
5.2 A Crítica de Tore Sandven a Elster	<b>194</b>

5.2.1 Só os Indivíduos Agem? A reação entre Decisão e Execução	196
5.2.2 Elster e o conflito dos indivíduos com as forças causais internas	202
5.2.3 Ação Intencional ou Forças Causais Externas: o caso do bolo de creme e outros casos	206
5.2.4 Elster e as normas sociais: de volta ao <i>cultural dope</i> ?	214
5.2.5 <i>Sour Grapes</i> : Adaptação Intencional ou Processo Causal?	216
5.3 O Anti-Anti-Funcionalismo: Mary Douglas, Arthur Stinchcombe, Philippe Mongin e Russel Hardin contra Jon Elster	227
5.4 A Crítica Etnometodológica ao Princípio Heurístico da Racionalidade: Faculdade Cognitiva ou Princípio Hermenêutico?	230
5.5 Paul Humphreys e Jack Katz contra a Explicação por Mecanismos	233
5.6 Considerações Finais	238
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>240</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>255</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.1 Mapeando Elster (Núcleos Temáticos)</b>	<b>61</b>
<b>Quadro 1.2 Mapeando Elster II (Uma síntese cronológica)</b>	<b>62</b>
<b>Quadro 1.3 Mapeando Elster III</b>	<b>63</b>
<b>Quadro 2.1 Formas do Individualismo Metodológico</b>	<b>69</b>
<b>Quadro 2.2 O modelo Básico da Escolha Racional</b>	<b>87</b>
<b>Quadro 3.1 Ciência e Explicação</b>	<b>99</b>
<b>Quadro 4.1 James Coleman e os mecanismos micro e macro</b>	<b>183</b>

## RESUMO

Este estudo buscou investigar em que medida a explicação social proposta por Jon Elster pode ser considerada útil para as Ciências Sociais. Na primeira parte da tese, tento demonstrar como a Teoria da Ação elsteriana, originariamente ligada à racionalidade como principal motor da ação, paulatinamente incorpora as normas sociais e as emoções como elementos motivacionais relevantes. Em seguida, procura-se articular a referida Teoria da Ação com os conteúdos metodológicos da explicação social defendidos pelo autor norueguês: a) um tipo de individualismo metodológico que está vinculado à tentativa de redução dos fenômenos sociais agregados ao nível individual dos mesmos; b) a explicação intencional-causal, através da qual o autor procura compatibilizar a dimensão intencional da ação com os elementos de causação da mesma, recusando também a validade da explicação funcional nas Ciências Sociais; e c) o enfoque mecanístico, através do qual se afirma que a explicação social não deve ser concebida em termos de leis gerais ou regularidades entendidas como leis, mas de mecanismos que evitem explicações do tipo “caixa preta” e, portanto, revelem a “lógica interna” da ação. Na segunda parte da tese, esta modalidade de explicação proposta por Elster é problematizada. O Individualismo Metodológico elsteriano é questionado, tanto no que se refere à capacidade efetiva de redução da explicação elsteriana – que apresenta obstáculos ontológicos e semânticos – quanto no que se refere à eliminação de explicações que não tenham possibilidade de redução. A dimensão intencional-causal da explicação também é submetida à crítica, na medida em que estabelece uma divisão excessivamente rígida entre processos intencionais e causais, comprometendo a própria natureza autônoma da ação humana, postulada pelo autor. E finalmente, o enfoque mecanístico é problematizado. Conclui-se que, a despeito da originalidade e do rigor desta explicação da ação no panorama das Ciências Humanas contemporâneas, o projeto elsteriano apresenta deficiências na articulação entre seus aspectos normativos e explicativos.

## ABSTRACT

This study aims to investigate the extent to which the explanation of social action proposed by Jon Elster may be considered useful for the social sciences. In the first part of the thesis an attempt is made to show how Elster's theory of action, originally bound up with the idea that rationality is the principal motor of action, gradually comes to incorporate social norms and emotions as relevant motivational factors. Subsequently the thesis explores how the Norwegian sociologist's theory of action dovetails with the methodological underpinnings of the kind of social explanation he defends. The following elements are identified: a) a form of methodological individualism linked to an attempt to reduce the sum of social phenomena to the individual level; b) the intentional-causal mode of explanation, by way of which Elster seeks to make the intentional dimension of action compatible with its causal elements, while, at the same time, rejecting the validity of functional explanation in the social sciences; and c) the focus on mechanisms, by way of which, it is argued, social explanation should not be conceived in terms of general laws or regularities understood as laws, but as mechanisms that avoid "black box" type explanations, and, thereby, reveal the "internal logic" of action. In the second part of the thesis, this mode of explanation proposed by Elster is questioned, on account of the true extent of its reductive capacity – coming up, as it does, against ontological and semantic obstacles – and of its elimination of explanations that are not susceptible to reduction. The intentional-causal dimension of explanation is also subjected to criticism, in so far as this sets up an excessively rigid distinction between intentional and causal processes, thereby compromising the very autonomous nature of human action that Elster claims to espouse. Finally the focus on mechanisms is also called into question. It is concluded that, in spite of the originality and rigour of this explanation of action compared with others in the various fields of the contemporary human sciences, the way Elster's project articulates normative with explicatory elements can be shown to be flawed.

## RÉSUMÉ

L'étude a essayé de vérifier dans quelle mesure l'explication sociale proposée par Jon Elster peut être utile pour les sciences sociales. Dans la première partie de la thèse on essaie de montrer comment la Théorie de l'Action elsterienne, au départ liée à la rationalité comme principal moteur de l'action, incorpore peu à peu les normes sociales et les émotions comme des mobiles importants. Ensuite, on cherche à articuler cette théorie aux contenus méthodologiques de l'explication sociale soutenus par l'auteur norvégien: a) un type d'individualisme méthodologique qui est lié à la tentative de réduction des phénomènes sociaux agrégés à leur niveau individuel; b) l'explication intentionnelle de la causalité, au travers de laquelle l'auteur essaie de rendre compatibles la dimension intentionnelle de l'action et ses causalités, tout en refusant la validité de l'explication fonctionnelle dans les sciences sociales; et c) l'approche "mécanismique", au travers de laquelle il est affirmé que l'explication sociale ne doit pas être conçue en termes de lois générales ou des régularités entendues comme des lois, mais comme des mécanismes échappant aux explications du genre "caisse noire" et pouvant ainsi révéler la "logique interne" de l'action. Dans la deuxième partie de la thèse, cette modalité d'explication proposée par Elster est mise à l'épreuve. L'Individualisme Méthodologique elsterien est questionné, aussi bien dans sa capacité effective de réduction – qui présente des obstacles ontologiques et sémantiques – que dans l'élimination des explications n'ayant pas la possibilité de réduction. La dimension intentionnelle de la causalité est aussi soumise à la critique, dans la mesure où elle établit une division excessivement rigide entre des processus intentionnels et ceux relevant de la causalité, compromettant en elle-même la nature autonome de l'action humaine, postulée par l'auteur. Finalement, l'approche "mécanismique" est questionnée. En conclusion, malgré l'originalité et la rigueur de cette explication dans l'horizon des Sciences Humaines contemporaines, le projet elsterien présente des problèmes dans l'articulation entre ses aspects normatifs et explicatifs.